

Do atelier para a sala, da sala para o atelier

Nena Balthar

“a arte é política antes de mais nada pela maneira como configura um sensorium espaço-temporal que determina maneiras de estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de...(…). Se arte é política, ela o é enquanto os espaços e tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e tempos, dos sujeitos e objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política.”

Jacques Rancière

Iremos considerar a sala de aula e o atelier como espaços de possíveis reconfigurações das experiências dos quais nos diz Jacques Rancière ao propor a ideia de uma política própria da arte - a “partilha do sensível”. Para o filósofo a relação entre arte e política se dá pelo que a arte promove como novos espaços “comuns”, novas temporalidades, novas relações entre sujeitos e os papéis que eles desempenham em uma coletividade.

Proporcionar um encontro com a arte que se faz hoje em dia, permite pensar nessa partilha do sensível. Esses novos espaços e novas temporalidades compreendidos a partir de uma prática escolar em artes que seja mais investigativa e reflexiva, na qual está em jogo a experiência, aproximando as atitudes em sala de aula das atitudes em um atelier - lugar de experiências e ações. A troca de experiências e reflexões sobre essa relação é o objetivo principal para um entendimento da aprendizagem em arte.

Experiências e propostas são duas palavras presentes no ambiente de trabalho de um artista. É o fazer diário que permite o surgimento de projetos a serem desenvolvidos. Esse fazer pode ser um desenho, uma leitura, uma conversa, uma caminhada pela cidade, e muitas outras coisas. Trabalhar com o ensino da arte pode ser

uma dessas muitas outras coisas. O contato com alunos nutre o trabalho artístico assim como a prática artística contribui para a atuação no campo do ensino da arte.

No presente artigo, a escrita é em forma de um breve inventário de minhas ações como artista-educadora. Tais ações ajudam a pensar a relação entre arte e educação, levando em consideração o aspecto lúdico desse encontro – sua sedução. O campo das experiências inventariado a seguir são a sala de aula dos cursos regulares e de férias *Fazendo Arte no Parque* da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) e o projeto *Via de Mão Dupla*¹ realizado na mesma instituição.

O Anfitrião.

O primeiro contato com os alunos ou visitantes é feito com uma conversa cujo intuito é nos aproximar. Identificar o interesse do grupo e fazer um breve relato de como será esse encontro é fundamental para estabelecermos uma relação de trocas baseada na confiança e respeito. Conhecer a motivação que os levaram até ali, escutar as mais variadas sugestões do que irão realizar tem por objetivo saber um pouco mais sobre o grupo. As ideias expostas demonstram a expectativa do grupo.

Essa conversa funciona como um aquecimento das ideias, assim como um músico dedilha e afina seu instrumento antes de começar a tocar ou como um atleta se alonga antes de um esforço maior. Com isso se põe em movimento a construção de nosso repertório que permite desenvolver o projeto pensado – curso regular, curso de férias ou visita a uma exposição.

Fazer, descobrir, pensar.

Assim o encontro se dá priorizando o aspecto do processo e da continuidade. Pois leva-se em conta, segundo Maria Tornaghi², o que Dennie Wolf³ chamou de “aspectos invisíveis da aprendizagem artística”: a) A habilidade crescente de se envolver com um trabalho, examinando-o e apreciando-o sob o ponto de vista de quem produz (manuseia a tinta, vence dificuldades); de quem percebe (reconhece o que está vendo, relembra imagens, provoca memórias); e de quem reflete (escolhe, articula conhecimentos, julga); b) O uso cada vez mais amplo de recursos culturais e sociais e a crescente atitude de alerta para os muitos recursos de que pode dispor como artista; uma maior atenção para os trabalhos e as mentes de outros. A descoberta de que pedir emprestado, imitar, ou compartilhar pode ser uma conquista e não um fracasso; c) A capacidade cada vez maior

de perseguir uma ideia artística a longo prazo, de ficar numa tarefa o tempo suficiente para localizar os problemas e para inventar maneiras de persegui-los. A capacidade de desenvolver trabalhos com continuidade e aprofundamento”⁴.

Ou seja, o propósito é proporcionar, a partir de atividades, a percepção da construção de um pensamento, seu processo. Essa descoberta envolve a capacidade de produzir, observar e refletir sobre o trabalho realizado para então dar continuidade e desdobramentos ao interesse de cada um. Tudo isso a ser constituído na sala de aula de cursos regulares (de longa duração) ou de férias (de curta duração) e ainda por pouco mais de uma hora em uma visita a uma exposição.

A sala e o atelier.

O trabalho que desenvolvo atualmente nas aulas do curso de Crianças e Jovens da EAV se baseia nesses pressupostos. A preocupação como artista-educadora está em gerar um espaço no qual os alunos possam se abastecer das experiências em sala e que tragam para cada aula um pouco de suas experiências individuais. Assim construímos exercícios nos quais está presente a participação do grupo – alunos e educador. Somado a essas ações realizamos avaliações periódicas que se constituem de uma auto-avaliação ao olhar para suas pastas/portfólios⁵. É uma avaliação conjunta uma vez que organizam seus trabalhos em uma montagem na sala. Esse momento é propício para o diálogos entre os alunos, suas observações e sugestões para continuar suas produções. Desenvolve-se com isso outros sentidos aos trabalhos realizados quando organizados para essa mostra interna.



Figura 1

O modo de pensar o curso de férias difere do curso regular em relação ao tempo de duração e demanda outras estratégias para proporcionar a apreensão dos “aspectos invisíveis da aprendizagem artística” dos quais nos fala Dennie Wolf. O

procedimento estabelecido envolve a pesquisa, pelo corpo docente, de um assunto a partir das indagações a cerca do que se faz em arte atualmente. Esse argumento ou temática é amplo o que faz com que se desdobre em diferentes exercícios oferecidos ao longo das semanas⁶.



Figura 3



Figura 2

No contexto de uma turma de crianças com idades entre 7 e 9 anos do cursos de férias do verão de 2011, o “aquecimento mental” foi o de conhecer as ideias daquele grupo sobre o que iriam fazer e pensar na semana. A principio a expectativa era de pintar, afinal estavam em uma escola de arte. No decorrer da conversa era proposto o experimento para aqueles dias, o qual envolvia o desenho como possibilidade de narrativa, de resíduo, de registro e de percursos. Com pequenas provocações surgiram reflexões a respeito do desenho. Para perguntas como: o que é um desenho? surgiram muitas opiniões. Entre elas: “Uma imagem que é desenhada, coisa inventada ou da realidade”, “Pode desenhlar com tinta no papel, usa a imaginação”, “usa a inteligência e desenha no papel com lápis”, “uma figura marcada no papel, uma imagem”.

Levamos em conta tais observações e ao longo da semana experimentamos e pensamos modos de fazer e mesmo refletir sobre o que é considerado um desenho. Assim o desenho foi feito no ar, com o mobiliário da sala, com linhas de algodão, bem rápido, bem devagar. Na areia do parque, com tinta e graveto, só com as pontas dos dedos, com lápis, só com papel, até acabar a carga da caneta, com papel e lápis de cor, “só com a inteligência”

e muito entusiasmo. As múltiplas possibilidades de fazer um desenho desenvolvidas pelo grupo, inclusive com tinta, o aspecto de jogo e brincadeira relacionado as atividades os levou a perceber a relação entre realizar uma ideia e o uso do material escolhido assim como gerar novos sentidos a partir dessas experiências.

No ultimo dia da semana, como parte dos exercícios elaborados há a projeção de obras, em sua maioria de arte contemporânea, que tenham relação com o que foi tratado ao longo dos 5 dias. E faz com que além das crianças e do educador outros atores entrem em cena ampliando a discussão e percepção da relação entre aquisição de conhecimento e o fazer artístico.

A obra de arte

Seguindo o inventário proposto no inicio do texto temos a abordagem da relação entre arte, educação e sedução através de uma visita à exposições de arte. O contexto é o projeto *Via de Mão Dupla*⁷.



Figura 4

O projeto surgiu do desejo de pensar ações no campo da arte que permitissem ampliar as relações entre a arte contemporânea e seu aprendizado. A ideia recorrente de que a aprendizagem também se dá fora da sala de aula também foi considerada. Assim o *Via de Mao Dupla* visou proporcionar o encontro entre duas realidades: o visitante e a obra de arte; a escola formal e a escola não formal; o cidadão e o bem cultural. O projeto foi realizado na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV)

O processo e continuidade referenciados por Dennie Wolf e Maria Tornaghi estão presentes na visita de pouco mais de uma hora. A estratégia elaborada se dá de maneira semelhante as experiências narradas anteriormente. O início do encontro é uma conversa geradora de trocas de ideias e a partir dessa contato inicial se constrói, junto com os visitantes, as relações entre as obras de arte da exposição, seus conhecimentos prévios e as ideias do artista e/ou curador. Somado a isso é prevista uma atividade no atelier.

A visita

Na ocasião, setembro e outubro de 2010, uma das exposições visitadas foi *Notas de um desabamento* de Thiago Rocha Pitta. Para início de um diálogo⁸ foi considerado o que o artista diz de sua obra: “O tempo é o aspecto mais importante do meu trabalho”⁹. Assim a palavra *Tempo* norteou as conversas e a indagação intencional sobre esse termo e seus muitos significados foi relevante. Um aluno de 10 anos observou que “o tempo deixa marcas e transforma, por exemplo, nosso corpo, vamos crescendo” acrescentando novos sentidos a experiência do encontro e a percepção da obra.



Figura 5

Após a breve conversa inicial foi proposto uma atividade em dois tempos. Convidávamos os participantes a fazer um desenho iniciado na sala para ser concluído nos jardins da EAV. Esse jardim, foi um dos lugares visitados enquanto caminhávamos do casarão da escola para as Cavalariças onde se encontravam as obras de Thiago Rocha Pitta. A proposta foi prontamente interpretada por um aluno como “um desenho que se transforma”.

O enfrentamento com a obra *Projeto para uma pintura com temporal #5* provocou lembranças e fez com que os participantes articulassem seus conhecimentos prévios com o que viam. Os comentários borbulharam: “Tempestade”; “Feito de argila, barro”; “Escorregador ”; “Isso é uma pintura?” “parece ferrugem” e “Montanha” foram alguns. Aos poucos teceram relações entre os diálogos iniciais e suas impressões com o que estavam experimentando.

Ao final de cada encontro, de volta ao casarão existia na sala um grande painel com as impressões da visita deixadas pelos alunos de visitas anteriores. Uma maneira de proporcionar uma olhar para o que foi realizado e compartilhar suas experiências com os outros grupos participantes do projeto.



Figura 6

Considerações provisórias

No início desse texto fiz referência à ideia de Rancière da dimensão política da arte, da arte poder ser como espaços de possíveis reconfigurações das experiências sociais. Considero essas abordagens em sala de aula (ou na visita) uma experiência que se dá a partir do diálogo, da aquisição de conhecimento com o outro, em conexão com o mundo e seus acontecimentos, que absorve e transforma. Cada encontro (aula ou visita) é único pois possui como ponto de partida os interesses de cada grupo. Dessa maneira compreendo minhas ações como artista-educadora uma transposição da pergunta benjaminiana¹⁰ de se pensar não apenas como se situa o fazer artístico (a produção) em relação a seu tempo, mas como ele se insere dentro dessas relações.

O encontro com a arte proposto nos cursos ou exposições aqui relatado põe os alunos ou visitantes no centro da ação e está inserida e contextualizada com a sua época e as relações sociais associadas à ela. E pode ser visto como reverberações do pensamento das práticas artísticas contemporâneas que, segundo Sheila Cabo, são “marcadas pelo crescente deslocamento do campo específico da linguagem e do meio para o ambiente ampliado das relações culturais, que conectam distâncias e negociam significados”¹¹.

O aspecto lúdico das ações descritas acarreta a sedução existente na relação entre arte e cognição em um encontro com a arte de nosso tempo através da construção conjunta dessa experiência.

No meu fazer artístico existem ações que convocam outros corpos. Chamam à colaboração. Há o interesse em compartilhar, em fazer junto, pensar junto. Nesse sentido minha atuação no campo do ensino da arte é uma ação artística. A sala de aula é atelier.

Nena Balthar é artista e doutora em processos artísticos no Instituto de Artes/UERJ. Professora na Escola de Artes Visuais/ Parque Lage.

Artigo submetido aos avaliadores em 12/04/2016

Artigo avaliado em 09/08/2016



Lista das imagens.

Figura 1. Autor desse texto. *Organização dos trabalhos montados em sala*. Curso regular Fazendo Arte no Parque da EAV-RJ. 2014. Acervo pessoal.

Figura 2. Autor desse texto. Colônia de Artes da EAV-RJ. 2011. Acervo Pessoal

Figura 3. Autor desse texto. Colônia de Artes da EAV-RJ. 2011. Acervo Pessoal

Figura 4. Cristina de Pádua. *Projeto Via de Mão Dupla*. Escola de Artes Visuais do Parque Lage-RJ. 2010. Acervo Pessoal.

Figura 5. Cristina de Pádua. *Projeto Via de Mão Dupla*. Escola de Artes Visuais do Parque Lage-RJ. 2010. Acervo Pessoal.

Figura 6. Cristina de Pádua. *Projeto Via de Mão Dupla*. Escola de Artes Visuais do Parque Lage-RJ. 2010. Acervo Pessoal.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor*. Obras Escolhidas: Magia e técnica, Arte e política. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985

CABO, Sheila. *Qual política: microagências artístico-históricas*. Revista Concinnitas, ano 8- vol.1.N.10 UERJ. ed. Rio de Janeiro. Ed 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. EXO experimental org. São Paulo: Ed.34, 2005. Disponível em:

<<http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3806&ParamEnd=5.p1>>

TORNAGHI, Maria. Palestra *Afinal, o que se aprende em um museu?*; II Encontro de Arte Educação da Escola de Belas Artes/UFRJ, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. 2003.

_____. Palestra *A aprendizagem da arte*. na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Rio de Janeiro. 2009

WOLF, Dennie. in GARDNER, Howard; PERKINS, David, eds. *Art, Mind and Education: Research from Project Zero* University of Illinois Press 1989.

1 O projeto Via de Mao Dupla foi concebido pelo autor desse texto e contemplado com o premio Rede Funarte Artes Visuais. Seus pressupostos derivam das experiências nas equipes de educação da EAV e do MAM, ambas quando sob coordenação de Maria Tornaghi.

2 Minha formação no ensino de arte teve início com Maria Tornaghi em 1993, com quem trabalhei fazendo parte de sua equipe ao longo de mais de 10 anos na EAV e no MAM. Até hoje a educadora e pesquisadora é referência.

3 Dennie Wolf é pesquisadora e educadora norte-americana. Atua no campo de arte educação. Fez parte do Projeto Zero da Harvard University. Dirigiu o Projeto PACE (Projects in Active Cultural Engagement) na Harvard Graduate School of Education.

4 TORNAGHI, Maria. Palestra. A aprendizagem da arte. Escola de Artes Visuais do Parque Lage. 2009.

5 A pasta/portfolios reúne os trabalhos realizados por cada aluno em sala. Uma oportunidade de criar repertórios próprios.

6 Os cursos de férias da EAV são pensados em módulos articulados semanalmente. Dessa maneira o aluno pode frequentar uma, duas, três ou quatro semanas ao longo do mês de janeiro.

7 Mais informações no blog do projeto: <http://projetoviademaodupla.blogspot.com/>

8 No âmbito das visitas do projeto Via de Mao Dupla esse encontro inicial acontecia no Salão Nobre da EAV, lugar de recepção e das atividades do projeto antes da ida para a galeria Cavalariças.

9 Retirado da entrevista de Thiago Rocha Pitta ao Jornal O Globo. Segundo Caderno sexta-feira 23 de Julho 2010.

10 Antes de pensar a vinculação da produção literária ao contexto de sua época, Benjamin propõe pensar como ela (a produção) se insere nesse contexto. BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: Obras Escolhidas: Magia e técnica, Arte e política. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985.

11 CABO, Sheila. Qual política: microagências artístico-históricas In. Revista Concinntas, ano 8-vol.1.N.10 UERJ. ed. Rio de Janeiro. Ed 2007. p. 98